

Sarney

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

O prazer de ficar de bem

A definição é de um amigo íntimo do presidente do Senado, José Sarney, e resume à perfeição a relação bélico-amorosa do senador e do presidente Fernando Henrique Cardoso: "Os dois brigam pelo prazer de fazer as pazes." O tema pode ser recorrente, mas os fatos produzidos por ele também o são e, por isso mesmo, de quando em vez os rumos da República estão na dependência do próximo lance produzido pelos humores que os juntam ou os separam.

Vivemos um desses momentos. Sarney está lá no seu canto aborrecidíssimo com o fato de ter sido convidado para uma conversa no Palácio do Planalto de onde FH fez o PMDB sair com um quente e dois fervendo. Na intimidade o que se diz é que o presidente já reconheceu que errou a mão ao chamar o presidente do Senado para ouvir a descompostura.

Chamou não porque tivesse a intenção de menosprezá-lo. Ao contrário, o recado era que o considerava ainda um interlocutor e que o diálogo só estava rompido mesmo com Paes de Andrade. Mas não importa. A coisa resultou numa inabilidade que abriu a Sarney uma oportunidade para o exercício da mágoa.

Insuflado por amizades que apostam que dará certíssimo ele repetir as caras e bocas oposicionistas de Itamar Franco e, com elas, cavalgar a liderança da oposição num trajeto de volta ao Planalto, Sarney acaba superdimensionando dissabores.

Já o presidente fica também no seu canto considerando que não lhe cabe um pedido de desculpas. Pode ter cometido um erro de pessoa, mas o conteúdo do que lhe aprontou o PMDB não poderia ser ignorado. Ou era aquela bronca, ou já estaria hoje o presidente tendo de suportar atrevimentos de sabe-se lá que natureza.

Se o partido acha que pode empenhar uma palavra ao presidente da República e considera que o rompimento da mesma 24 horas depois não é um fato relevante, Deus nos livre de um presidente pemedebista.

Evidentemente que o episódio resultante da convenção do MR-8 não se resolve apenas com um eventual encontro de Sarney e FH. As coisas agora extrapolam essa relação, pois esbarram não apenas no projeto de poder do PMDB, que reclama seu quinhão, mas também do PFL, que não aceita dividir o seu.

Os dois podem trocar beijos em praça pública que Antônio Carlos Magalhães e Íris Resende não desistirão de disputar a presidência do Senado.

Mas, independentemente disso, Sarney e FH já ensaiam passos de minueto, pois precisam um do outro. Do lado do presidente do Senado, ele quer de Fernando Henrique apoio para a filha Roseana, governadora do Maranhão. Tanto que na avaliação de Sarney a reeleição passa e com o apoio dele, desde que ninguém se atreva a tirar dos governadores o mesmo direito.

Em resumo, é o seguinte: por enquanto, entre a própria vaidade de se candidatar à presidência e o destino da filha, Sarney fica com Rosena. Se o Palácio quiser dar a reeleição só para FH, ele estará pessoalmente empenhado em acabar com a festa.

A análise, no gabinete de Sarney, é de que tudo tem jeito. Anda por lá uma contabilidade que prevê a eleição de ACM para o Senado com uma diferença de dois a três votos sobre Íris. Ou seja, quanto a isso, o PMDB já estaria prevenido e Sarney não levaria em conta esse resultado em suas relações com o Planalto.

O problema é que ele não está gostando nada de umas insinuações de que ele estaria por trás de pedidos de ministérios para o filho, Zequinha, e para o senador Jader Barbalho. Uma que quem quis fazer de Sarney Filho ministro do Meio Ambiente foi o PFL, antes da crise. E outra que Jader quer muito mais que um simples ministério. Quer o PMDB no comando de fato. Essa é a parte de Sarney.

Do lado do presidente da República, Fernando Henrique tem a perfeita noção de que sua reeleição passa necessariamente por Sarney. Goste ou não, já reconheceu mais de uma vez que a política no Brasil ainda é fortemente comandada por políticos tradicionais.

Dentre eles José Sarney, que, além de uns 15% de apoio popular nas pesquisas de opinião, ainda controla, por baixo, uns 70 votos no Congresso, entre Câmara e Senado. Fora sua capacidade de articulação silenciosa. Sarney, o Planalto não duvida, é o político mais arguto em atuação.

A questão agora é saber quem pisca primeiro. Fernando Henrique convidou Sarney para um jantar no Palácio da Alvorada, no próximo dia 29, em homenagem ao presidente do Uruguai, Júlio Maria Sanguinetti. O presidente do Senado ainda não deu a resposta, pois a cada dia, a cada fato, a cada suposição, a cada informação que recebe sobre FH, ele tende a uma ou a outra decisão: diz que aceitará quando supõe que melhor seja ceder à tolerância; ameaça recusar quando ouve os áulicos do apocalipse.

Já Fernando Henrique também recebeu um convite. Para estar um dia depois, 30, no Senado para uma homenagem ao mesmo Sanguinetti, ao ex-presidente argentino Raúl Alfonsín e a outras figuras, dentre as quais Itamar Franco. FH também ainda não respondeu se vai.

Note-se que os dois acontecimentos se darão em meio ao que se prevê seja a data fatal para a votação da emenda da reeleição.

É o caso de fazer reserva e assistir do camarote da diretoria.

FH chamou Sarney para o Alvorada, Sarney convidou FH ao Senado e ninguém respondeu a ninguém
